

POESIA SIMBOLISTA AFRO-BRASILEIRA: AUTA DE SOUZA & CRUZ DE SOUSA – LEITURA COMPARADA

Olavo Barreto de Souza - UFCG
Silvanna Kelly Gomes de Oliveira - UFCG

1 Considerações Iniciais

A estética simbolista faz-se imprescindível para a compreensão do presente trabalho, uma vez que incorpora suas características ao fazer poético em análise. Nesse sentido, é preciso abordar de que maneira os aspectos como a subjetividade, o uso dos símbolos, o toque de misticismo, as questões transcendentais e sociais, dentre outros, penetraram na poesia, revelando uma nova visão de mundo, considerada “decadentista” em decorrência do individualismo lançado sobre a realidade, realidade está transmutada pelo olhar do poeta.

Dessa maneira, nossa análise será feita a partir do estudo comparativo dos textos “Os canários” e “Ao luar” (Auta de Souza) e “Ser pássaro” e “Luar” (Cruz e Sousa). Temos por objetivo, assim, traçar aproximações e distanciamentos entre a poesia Auta de Souza & Cruz e Sousa, no que diz respeito à adequação de seus discursos poéticos à estética simbolista (FILHO, 2001; BASTOS, 2012). Além disso, analisaremos a construção performática do texto, o conteúdo trazido em seus versos, os símbolos nas entrelinhas e, sobretudo, as questões sociais, ocorridas de certo modo, que encarnam na figura representativa do “pássaro”, de modo mais amplo; além das significações que emergem da imagem do “luar”. Construímos nossa análise a partir do estudo comparativo dos textos citados (CARVALHAL, 2006; NITRINI, 2010), através, sobretudo, do estudo analítico do poema (CANDIDO, 2006).

Antes das análises, apresentaremos, de modo sumário, um pequeno perfil biográfico dos autores em estudo (ALVES, 2011; GOMES, 2003) no intuito de ampliar o horizonte da leitura dos textos literários, já que retomam as experiências de vida dos poetas e as relacionam com sua escrita predominantemente simbólica. As vidas destes poetas indicam uma influência forte sob suas produções literárias, principalmente quando pertencem a uma época minada pelo abolicionismo (Cruz e Souza) e pela repressão feminina (Auta de Souza). Por conclusão, nas considerações finais, apresentamos a importância dos seus escritos para a formação da literatura afro-brasileira oitocentista, bem como a representatividade de seus poemas para compreendemos uma das mais ricas épocas da literatura poética brasileira: o período simbolista; bem como compreendermos a valor estético de produções como escolhidos no *corpus*.

2 Brevíssimos aspectos biográficos e críticos: Auta de Souza e Cruz e Sousa

Auta de Souza [1876-1901], poetisa negra, brasileira, uma das mulheres mais expressivas da literatura brasileira oitocentista. Nascida no estado do Rio Grande do Norte, mais especificamente na cidade de Macaíba (Cf. GOMES, 2003). Deixou apenas uma publicação: *Horto* [1990]. Na ótica de Laurito (1989, p. 75) a poesia da autora expressa-se como “[...] sofrida, muito dolorosa, marcada pelo sentimento da morte, porque realmente estava marcada para morrer e sabia disso”. Neste dizer, podemos lançar a compreensão de que a escrita dos poemas de Auta de Souza tinham uma marca de confessionalidade, de modo a estar expresso neles a angústia real do ser. Na mistura entre o *poeta* como uma *persona* com a *pessoa* da autora encontramos versos que

permanecem nas agruras que desembocam preces, litanias que confortam ou que ensejam um dito enviesado pelo sofrer. A morte vinda ainda em juventude ocorre por conta de uma tuberculose.

A autora ainda é considerada, segundo Alexei Bueno (2007), a maior poetisa católica do Brasil, posição também evidenciada por Valdivino (1959, p. 149), ao suscitar, dentre outros posicionamentos, este: “Cada página reflete a íntima «Via Crucis» da poetisa.”. Como podemos observar em Gomes (2003), sobre esta designação dos críticos citados, a formação básica da autora constrói-se, exclusivamente, em escolas católicas, de modo que isso teria influenciado, sobremaneira, a construção de seus versos, e até mesmo a discursividade de sua cosmovisão, imbricada nos seus textos.

Embora tendo publicado apenas um livro em vida, o conteúdo estético dele vislumbrou amplamente o olhar da crítica literária brasileira. No levantamento feito por Gomes (op. cit.) mais de 20 comentadores de sua poesia, número menor em relação a uma pesquisa anterior que integra do número de mais de 60 artigos sobre a autora até o ano de 1985 (Cf. MUZART, 1992). Segundo, Zahidé L. Muzart (op. cit., p. 149), acerca da visibilidade da poetisa, declara: “Das mulheres século XIX, no Brasil, Auta de Souza não integrou o bloco das esquecidas. E até eu diria que esteve entre as mais lembradas”. cremos que essa ampla visibilidade esteja marcada, principalmente, pela tradição crítica que marcou seu lançamento na literatura brasileira. Pois, a primeira edição de *Horto*, datada de 1899 traz um prefácio do poeta Olavo Bilac, homem das letras bastante reconhecido à sua época, poeta e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Nas palavras de Bilac, a poesia de *Horto* apresenta um “[...] formoso volume, que vem revelar uma poetisa de raro merecimento” (BILAC apud SILVA, 1959, p. 25). No signo da posição sujeito assumida pela autora na condição de mulher, nordestina e negra, a aclamação crítica deste autor transcende à todos os elementos que confeririam, de certo modo, a negação da escrita poética de Auta.

Posições divergentes qualificariam a poesia da autora como sem importância literária, por ser *Horto* um livro que não segue os padrões estéticos de sua época:

Talento e sensibilidade não faltam à triste moça tísica do Nordeste [...] “Horto” é um livro comovente, sob o aspecto humano, mas destituído de importância literária, pois nada significa da poesia da fase a que pertenceu, cronologicamente, Auta de Souza”. (SILVA, 1959, p. 25).

No entanto, que esta característica é que faz de Auta de Souza uma poetisa de relevância, pois, constrói uma poética própria, de certo modo, destituída de um padrão escolástico restrito, especificamente, apenas ao temporal. Vale salientar que, neste estudo, compreendemos os poemas analisados como simbolistas. Ressaltando o posicionamento de Silva (op. cit.), a escola cronológica mencionada refere-se ao parnasianismo, em voga durante a vida da poetisa. Quanto às classificações escolásticas da literatura, encontramos em Bosi (2006) a menção de nome de Auta de Souza vinculada ao simbolismo brasileiro.

João da Cruz e Sousa [1861-1898], poeta negro, brasileiro, militante do movimento abolicionista no Brasil. É um dos escritores mais representativos da poesia simbolista no país. Em ordem cronológica, esses são alguns de seus livros: *Broquéis* (1893), *Missal* (1893), *Evocações* (1898), entre outros. (Cf. ALVES, 2011).

O respaldo crítico acerca deste autor, claramente, apresenta-se com bastante relevância. Vale ressaltar que é Cruz e Sousa um dos poetas fundadores da estética

simbolista no Brasil. Citado expressivamente nas *histórias da literatura brasileira*¹ e nos *livros didáticos de literatura brasileira*² apresenta-se como um autor canônico, de ampla aclamação crítica.

Carlos Nejar (2011, 245) indica que a poesia de Cruz e Sousa apresenta-se como uma busca pelo branco:

[...] perseguia a cor branca [...] Essa obsessão da cor branca para o poeta era a libertação do preconceito; seu direito de ser igual aos de pele clara, já que intelectualmente os superava; a libertação das trevas pela luz, esta luz que o amava e o reconhecia em cada verso.

Assim, Nejar (op. cit.) declara que os poemas do autor em estudo revelavam uma espécie de busca pela igualdade, de certo modo, racial. Bernd (2011, p. 44), indicará que a poesia de Cruz e Sousa, em um primeiro momento, podem ser classificadas como não engajada com a causa racial: “Se nas obras mais conhecidas não se podem apontar exemplos de um eu-lírico reivindicando sua negritude, isto não quer dizer que a questão do grau de consciência negra [...] não esteja encerrada.”. Ou seja, como homem do seu tempo, esteve o autor engajado nos ideários de libertação de sua época, mais precisamente sobre o a questão escravocrata da qual Cruz e Sousa tinha posição abolicionista. No entanto, não é exclusivamente da expressão panfletária que sua poesia se expressa.

Sobre a estesia da poética do poeta em estudo declara Marcos de Castro (2005, p. 272): “A poesia de Cruz e Sousa floresce num mundo de transcendência e é, sob o ponto de vista formal, de enorme requinte”. Assim, ao passo que o Simbolismo, surgido no Brasil durante a vida do poeta, somado o posicionamento do crítico supracitado, revela-se a poética do Dante Negro do Brasil³ um compósito do que expressamente pregava o movimento cronologicamente oposto ao Simbolismo: o Parnasianismo, na sua designação de cultismo das formulas poéticas consagradas; além de transgredir o materialismo centrado nas postulações desse movimento. Assim, o sopro do símbolo na poesia de Cruz e Sousa não segue uma imitação dos moldes europeus, surgindo um estilo próprio que o possa designar saliente na estratosfera criativa dos poetas brasileiros de sua época.

3 Leitura Comparada entre poemas “Ao luar” e “Os canários” de Auta de Souza; “Luar” e “Ser pássaro”, de Cruz e Sousa.

Na análise empreendida separamos em dois grupos temáticos para comentário aos poemas. O primeiro grupo são dos poemas que tematizam o luar, o segundo referem-se os poemas que ressaltam a experiência do pássaro. No corpo analítico ora apresentado construímos um enfoque que trabalha a aproximação entre poemas de autores distintos, procurando evidenciar, em ambos, a adesão de suas escritas à estética

¹ Das obras consultadas encontramos capítulos e menções ao autor em Nejar (2011); Bosi (2006); Murici (2004); Gonçalves, Aquino e Bellodi (2006); e Moisés (1998).

² Não listamos as obras didáticas por apresentar-se em maior escopo diante do nosso material de acesso. Mas, vale salientar que todas as obras publicadas no Brasil e adquiridas pelo PNLD para o Ensino Médio, acerca do estudo da literatura brasileira em perspectiva historiográfica das escolas literárias, fazem menção a representatividade de Cruz e Sousa. Neste artigo citamos os livros didáticos no arcabouço crítico por compreendermos que assim como as histórias da literatura legitimam a canonicidade de um autor, de modo análogo fazem as coleções didáticas do ensino básico.

³ Uma das designações aplicadas ao autor como codinome. Inclusive, esta designação é o subtítulo da biografia de Cruz e Sousa ao qual tivemos acesso nesta investigação: “Cruz e Sousa: Dante negro do Brasil.”, de Uelinton Farias Alves. (Cf. ALVES, 2011).

do Simbolismo. Para tanto, nos baseamos em Bastos (2011) e em Filho (2001) acerca de suas ponderações à esta escola estética da qual os textos se vinculam.

Quanto aos livros de origem⁴ dos poemas selecionados, o de Auta de Souza, como sabido, é *Horto*, publicado, inicialmente, em 1899. E os poemas de Cruz e Sousa advém de um livro póstumo, intitulado *O livro derradeiro*, vindo a lume em 1944.

3.1 O vislumbre do luar

⁴ Neste artigo preferimos não citar as edições dos livros, visto que não tivemos acesso a livros físicos, mas sim, material digital. Os referidos poemas poderão ser consultados em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00081a.pdf>> (*O livro derradeiro*, de Cruz e Sousa, poemas “Ser pássaro” e “Luar”), acessado em 01/11/2014; e <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABfY4AC/horto-auta-souza>> (*Horto*, de Auta de Souza, poemas “Os canários” e “Ao luar”), acessado em 01/11/2014.

AO LUAR (Auta de Souza)

A Maria Fausta e a Mercês Coelho
Astros celestes, docemente louros,
Giram no espaço, em luminoso
bando;
Ouve-se ao longe um violão
plangente
E, mais além, n'um soluçar dolente,
Canções serenas, ao luar voando.

Quanta tristeza pela noite clara!
Quanta saudade pelo azul boiando!
Cuida-se ouvir, n'um dolorido choro,
As preces tristes de um magoado coro
De almas penadas ao luar rezando.

O céu parece uma igrejinha antiga
Que a lua branca vai alumando...
E essas estrelas, muito além
dispersas,
São rosas brancas no Infinito imersas,
Monjas benditas, ao luar chorando.

Os pirilampos, pelas moitas tristes,

Voam, calados e sutis, brilhando...

Lembram descrenças, a bailar sombrias,
Ilusões mortas de esquecidos dias,
Almas de loucos, ao luar passando.

Flocos de nuvens pela Esfera adejam,
Barcos de neve pelo Azul formando...
Semelham preces que se vão da terra,
Almas mimosas, que este mundo encerra,
De criancinhas, ao luar sonhando.

Eles parecem também velas brancas
Soltas, à toa pelo mar vogando...
Leves e tênues, a correr imensas,
Folhas de lírios pelo Ar suspensas,
Aves saudosas, ao luar chorando.

Ai! quem me dera ser também criança!
Ai! quem me dera andar também voando!
Fazer dos astros um barquinho amado,
N'ele vagar por todo o Céu dourado,
As minhas dores ao luar cantando!

Angicos - Junho de 1896.

LUAR (Cruz e Sousa)

Pelas esferas, nuvens peregrinas,
Brandas de toques, encaracoladas,
Passam de longe, tímidas, nevadas,
Cruzando o azul sereno das colinas.

Sombras da tarde, sombras vespertinas
Como escumilhas leves, delicadas,
Caem da serra oblonga nas quebradas,

Vão penumbrando as coisas cristalinas.

Rasga o silêncio a nota chã, plangente,
Da Ave-Maria, — e então, nervosamente,
Nuns inefáveis, espontâneos jorros.

Esbate o luar, de forma
Claro, bondoso, elétrico, saudável,
Na curvilínea compridão dos mortos.

Ambos os poemas tematizam a experiência do eu lírico sobre o ambiente tomada pela luz da lua. São textos que contemplam o exterior (a lua), de modo a refletir sobre “a vida interior, introspectiva, silenciosa, [d]o homem voltado para dentro se si mesmo.” (FILHO, 2001, p. 263). Assim, o eu lírico possui um olhar transversal que pela exterioridade se introduz no arcaibouço o seu ser, em ambos os poemas, ao ponto de transmutar sua experiência interior pelo signo da lua. Segundo Lexicon (2007) o símbolo da lua representa o “ter vida”. O ato de contemplação manifestado pelo eu lírico dos poemas supracitados refletem uma busca pela vida interior reverberada, sobretudo, pelo reflexo das memórias que esta imagem suscita na descrição de seus brilhos.

O ato contemplativo indicará várias reflexões, dentre essas está a sobre a *dor*: “n'um dolorido choro” (“Ao luar”, de Auta de Souza), até “nuns inefáveis, espontâneos jorros” (“Luar”, de Cruz e Sousa). Ambos os eu líricos estão profusos de chagas que apresentem o choro como práxis visível da dor interior. É o choro, o grito da alma, que na cena enluarda solta sua expressão melancólica emanada da experiência do ser no poema.

A contemplação do satélite da terra eleva os espíritos do eu lírico nos poemas, de modo a sagrar o momento da aparição do astro com a oração: “As preces tristes de um magoado coro” (“Ao luar”, de Auta de Souza); “Da Ave-Maria, - e então, nervosamente” (“Luar”, de Cruz e Sousa). O consolo da oração eleva o espírito do ser

nos poemas a um contato com a transcendência. No poema de Auta de Souza, uma oração de súplica, no de Cruz e Sousa, o vislumbre de um momento culturalmente consolidado na cultura ocidental a oração das vésperas marianas, às seis horas da tarde. A aura do momento sublima a dor vivenciada.

Uma imagem que também está em diálogo em ambos os textos é a caracterização das nuvens: “Pelas esferas, nuvens peregrinas,” (“Luar”, de Cruz e Sousa); “Flocos de nuvens pela Esfera adejam,” (“Ao luar”, de Auta de Souza).

3.2 A essência da liberdade no ser pássaro

OS CANÁRIOS (Auta de Souza)

E eles eram dois mansos passarinhos

Queriam-se na paz indefinida
Das almas que são puras,
Cheios de amor, de luz e de carinhos,
Eles passavam docemente a vida,
Isentos de amarguras.
Então sorriam, sem pensar que a morte
Inda podia lhes mudar a sorte.
E sempre eles cantavam
Se no espaço adejavam!

Ao despontar da aurora
Chalravam, procurando, estrada a fora,
O alimento do dia.
Saltando de alegria
Assim voltavam conversando a medo
E pousavam, alegremente, rindo,
Nos ramos do arvoredo.

Eu quisera saber o seu segredo:
Devia ser tão lindo!
Depois, ruflando as asas amarelas,
Iam embora... E eu, triste e sozinha,
Olhava para as belas
Ramagens, onde eles mansamente
Pousavam à tardinha.

A viração, gemendo docemente,
Vinha beijar as avezinhas puras.

Terminaram, porém, tantas venturas:
Morreu um passarinho
Ficou deserto o ninho!

O outro partiu... Não sei onde foi ter;
Talvez bem longe, para, então, morrer,
Em triste soledade.
E o meu olhar dorido
Seguiu a ave, pelo pavor ferido.
Ficava uma saudade!

E murmurei comigo entristecida:
Ó asa aventureira!
Levas toda a paixão de minha vida,
Levas minh'alma inteira!

Desde então vivo triste. Às vezes penso
Neste sofrer indefinido, imenso
D'um pobre coração
Que nas asas do tempo vê voar,
A chorar,
A última ilusão...

SER PÁSSARO (Cruz e Sousa)

Ah! Ser pássaro! ter toda a amplidão dos ares
Para as asas abrir, ruflantes e nervosas,
Dos parques através e dos moitais de rosas,
Nos floridos jardins, nas hortas e pomares.

Ser pássaro, cantar, subir, voar na altura,
Pelos bosques sem fim, perder-se nas florestas,
Das folhagens do campo em meio da espessura,
Das auroras de abril nas cristalinas festas.

Tecer no tronco seco ou no tronco viçoso
O quente lar do amor, o carinhoso ninho,
De onde sairá mais tarde o pipilar mavioso
De um outro mais gentil e meigo passarinho.

Não temer o verão e não temer o inverno
Para tudo alcançar na leve subsistência,
No contínuo lidar, no labutar eterno,
Que é talvez da alegria a mais feliz essência.

Viver, enfim, de luz e aromas delicados
Nascido dentre a luz, gerado dentre aromas,
Sonorizando o azul, sonorizando os prados
E dormindo da flor sob as cheirosas comas.

Voar, voar, voar, voar eternamente,
Extinguir-se a voar, no matinal gorjeio,
E ser pássaro, é ter em cada asa fremente
Um sol para aquecer o frio de algum seio.

Os dois textos têm como elemento em comum a figura do pássaro, símbolo da liberdade. Com isso, percebe-se o eu lírico que observa aquilo que não está a seu alcance, contemplando a alegria e paz inerente aos pássaros: “cheios de amor, de luz e de carinhos,/ Isentos de amargura” (“Os canários”, de Auta de Souza), bem como em “Ser pássaro, cantar, subir, voar na altura,/ Pelos bosques sem fim” (“Ser pássaro”, de Cruz e Souza). A liberdade pode ser representada nos textos também com uma conotação simbolista, uma vez que trata-se de um período literário em que os ideais de liberdade (influência da Revolução Francesa) estavam em vigor.

Além disso, a liberdade de expressão do sentimento de inquietude, de solidão, de tristeza, de contemplação e de desejo de ser livre como um pássaro, aparecem em versos, como: “Desde então vivo triste./ Às vezes penso/ Neste sofrer indefinido, imenso/ D’um pobre coração/ Que nas asas do tempo vê voar,/ A chorar,/ A última ilusão...” (“Os canários”, de Auta de Souza); e “Não temer o verão e não temer o inverno/ Para tudo alcançar na leve subsistência,/ No contínuo lidar, no labutar eterno,/ Que é talvez da alegria a mais feliz essência.” (“Ser pássaro”, de Cruz e Souza). A diferença entre os dois textos é percebida através do toque mais melancólico, no final do poema, de “Os canários”, ao contrário de “Ser pássaro” que evoca um lirismo mais otimista e utópico.

Auta de Souza (“Os canários”) contempla e metaforiza o olhar direcionado aos canários para refletir sobre a própria vida humana: “Terminaram, porém, tantas venturas:/Morreu um passarinho/ Ficou deserto o ninho!”. Nesses versos, a autora reflete sobre a finitude da vida, expressando a dor, a saudade e o sofrimento: “E murmurei comigo entristecida:/ Ó asa aventureira!/Levas toda a paixão de minha vida,/ Levas minh’alma inteira!”. Aqui, pode-se destacar o intimismo e a autorreflexão constantes, ao passo que em Cruz e Sousa aparece um tom mais social dado aos versos. O símbolo do pássaro neste segundo aborda um quesito relacionado à vida do autor negro e militante: a abolição da escravatura.

Não se trata exatamente de uma denúncia social do referido autor, apesar de ser amplamente reconhecido por ter escrito vários textos com esse teor, mas uma representação da liberdade para uma época em que se cogitava a repressão, sobretudo, dos negros. Portanto, a ideia de ser passarinho e admirar essa ave evoca sentidos vários, os quais podem se referir ao desejo de emancipação, de utopia, de sonho. O Ser, com letra maiúscula, implica em algo que transcende a realidade, um desejo de incorporação do ser (e não ter ou estar), da firmeza, da constância de um ideal socialmente utópico numa época que ainda “engantinhava” para a assimilação do homem negro como ser humano digno de ser livre: “Ser pássaro, cantar, subir, voar na altura,/ Pelos bosques sem fim, perder-se nas florestas,/ Das folhagens do campo em meio da espessura,/ Das auroras de abril nas cristalinas festas.” O desejo de liberdade nesses versos se afirma, bem como a dignidade de ter uma “sombra” e um “sol” para aquecer o coração humano: “Voar, voar, voar, voar eternamente,/ Extinguir-se a voar, no matinal gorjeio,/ E ser pássaro, é ter em cada asa fremente/ Um sol para aquecer o frio de algum seio.”

Por fim, vale ressaltar que a linguagem simbolista aparece para confirmar a metáfora subjetiva presente nos dois textos, entremeados por toques românticos (vocabulário polido, linguagem imagética, metaforização dos sentimentos), musicalidade e rimas, promovendo uma elevação dos eus líricos, que se encontram absortos em imaginação, intimismo e contemplação do ser distante, da ideia que paira “em outros ares”: “Eles passavam docemente a vida/ Isentos de amargura” ” (“Os canários”, de Auta de Souza); “No contínuo lidar, no labutar eterno,/ Que é talvez da alegria a mais feliz essência” (“Ser pássaro”, de Cruz e Souza).

A contribuição destes textos literários para o período oitocentista pode ser compreendida, tendo em vista a transgressão da razão e a evocação de símbolos para expressar sentimentos.

4 Considerações finais

Os textos aqui analisados, conforme as disposições de Bastos (2011) adequam-se à estética simbolista, dentre outras coisas pelo vislumbre experiência espiritualista, suscitada, principalmente, nos poemas “Ao luar”, de Auta de Souza, e “Luar”, de Cruz e Sousa. Uma vertente expressiva que está implantada, não somente nesta estética, mas, cultivada, de modo bastante representativo pelos poetas que trabalham com o simbolismo.

Os poemas seguintes, “Os canários”, de Auta de Souza, e “Ser pássaro”, de Cruz e Sousa evocam, principalmente, o ideário simbolista na metaforização do ser, representado, dentre outras coisas, pelas iniciais maiúsculas, algo marcado, principalmente, nos textos simbolistas, conforme Bastos (op. cit.) e Filho (2001).

É interessante assegurar o uso da metáfora do pássaro e da lua nesses poemas, como uma particularização da escrita de dois sujeitos que buscam afirmarem suas posições na sociedade oitocentista. Como abordado neste trabalho, principalmente no que diz respeito aos poemas que trataram do “pássaro”, existe, na formação discursiva desses textos, um ideário de liberdade que representa, de modo amplo, um desejo tácito para a população afro-brasileira da época: a liberdade. É interessante apontar, também, que ambos os autores demonstram estarem “antenados” com as tendências estéticas que circundaram seus momentos de produção poética. Não são poemas “marginais”, mas sim, de modo elementar, são textos que se adequam e estão ancorados no cânone.

Autores como Cruz e Sousa e Auta de Souza são referenciais para uma literatura que dê espaço à produção de minorias étnicas. Muito embora, não tendo transmitido de maneira exaustiva e militante em seus textos uma pretensão ética para um espaço marcado, ou delegado a suas minorias étnicas, ambos os autores conquistaram seu espaço mediante suas criações, suas particularidades estéticas.

Quando tratamos como autores referenciais, e de fato, no caso de Cruz e Sousa é um dado apontando também por Santos e Wielewiczki (2009), queremos afirmar que são eles os responsáveis pela abertura para as vozes poéticas que os precederam. Abolicionista, como foi o poeta, sua luta esteve engajada na busca por um ideal étnico de liberdade e sua literatura solícita a temas e estéticas que favoreciam, de modo específico, a igualdade entre as questões raciais. A poetisa, de formação católica, favorecida por uma educação clássica para a sua época, demonstra com a força que sua expressividade ganhou que a mulher negra e nordestina pode ter espaço no meio literário. São exemplos de autores que formam o que poderia se chamar de uma literatura afro-brasileira. Representantes muitas vezes lembrados como expoentes da literatura brasileira pela inventividade que suas criações poéticas suscitam.

Referências

ALVES, U. F. *Cruz e Sousa: Dante negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

BERND, Z. O limiar da consciência: Cruz e Sousa. In: _____ (org.). *Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

BOSI, A. A difusão do simbolismo. In: _____. *História concisa da literatura brasileira*. 47ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BUENO, A. O sopro do símbolo. In: _____. *Uma história da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2007.

CANDIDO, A. *O estudo analítico do poema*. 6ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. 4ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 2006.

CASTRO, M. de. Os simbolistas. In: _____. *Caminho para a leitura*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FILHO, D. P. O simbolismo. In: _____. *Estilos de época na literatura*. 15ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

GOMES, A. L. F. *Vida e obra de Auta de Souza*. Rev. Eletrônica da Fundação Joaquim Nabuco, 2003. Disponível em <http://www.limiiarespirita.com.br/livros/vida_e_obra_da_poeta_potiguar.pdf>, acessado em 14/11/2014.

GONÇALVES, M. T.; AQUINO, Z. T.; BELLODI, Z. C. Cruz e Sousa. In: _____. *Antologia comentada de Literatura Brasileira: poesia e prosa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LAURITO, I. B. A poesia: depoimento pessoal. In: COELHO, N. N. [et. al.]. *Feminino singular*. São Paulo: GRD; Rio Claro, SP: Arquivo Municipal, 1989.

MURICI, A. Presença do simbolismo. In: COUTINHO, A. (dir.); COUTINHO, E. de F. (co-dir.). *A literatura no Brasil: vol. 04*. 7ª ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.

MUZART, Z. L. Entre quadrinhas e santinhos: a poesia de Auta de Souza. *Travessia. Revista do Curso de Pós-graduação em Letras. Mulheres Século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFRN, 1992, p. 149-153. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/17168/15736>>, acessado em 14/11/2014.

NEJAR, C. Simbolismo brasileiro. In: _____. *História da literatura brasileira: da Carta de Caminha aos contemporâneos*. São Paulo: Leya, 2011.

NITRINI, S. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

SANTOS, C. R. dos; WIELEWICKI, V. H. G. Literatura de minorias étnicas e sexuais. In: BONICCI, T.; ZOLIN, L. O. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.

SILVA, D. C. da. I – Ensaio histórico-literário. In: _____. *Vozes femininas da poesia brasileira*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1959.

VALDIVINO, J. Auta de Sousa na literatura brasileira. *Revista da Academia Cearense de Letras*. Ano LX. N.º 27. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1956. Disponível em <http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/revistas/1956/ACL_1956_25_Auta_de_Sousa_na_Literatura_Brasileira_Jose_Vaidivino.pdf>, acessado em 14/11/2014.